



A LETRA CURSIVA NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO: (RES)SIGNIFICANDO SEU LUGAR NA SALA DE AULA

Alice Jorge da Cruz (UFSCar)¹
Maria Iolanda Monteiro (UFSCar)²

Resumo: Este artigo, resultante de uma pesquisa de iniciação científica, discute as dificuldades e os desafios relacionados ao ensino e à aprendizagem da letra cursiva no contexto pós-Covid-19, investigando as possíveis e necessárias mudanças quanto ao sentido assumido por esse traçado gráfico nos primeiros anos do Ensino Fundamental, durante a alfabetização. De um lado, têm-se os reflexos deixados pela pandemia na educação, que persistem mesmo com a retomada presencial nas escolas; e, de outro lado, verifica-se uma divergência de discursos sobre a validade da letra cursiva diante das demandas contemporâneas. Nesse viés, guiando-se pelos estudos sobre escrita de Ferreiro e Teberosky (1985), Vygotsky (1991), Soares (2002; 2015) e Monteiro (2010) e a partir da consulta à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como do levantamento de dados e publicações acadêmicas centradas em ambas as temáticas, busca-se subsidiar reflexões que contribuam com a prática do docente alfabetizador. Os resultados sinalizam para a necessidade de que ocorra a ampliação de pesquisas sobre a letra cursiva, tanto que incluem os reflexos da pandemia como uma preocupação, quanto que favoreçam o compartilhamento de estratégias pedagógicas para um ensino e uma aprendizagem consistentes e carregados de significado.

Palavras-chave: Letra cursiva. Pandemia. Covid-19. Alfabetização.

Abstract: This article, the result of an undergraduate research project, discusses the difficulties and challenges related to teaching and learning cursive in the post-Covid-19 context, investigating the possible and necessary changes in the meaning assumed by this graphic stroke in the early years of elementary school, during literacy. On the one hand, there are the repercussions left by the pandemic on education, which persist even with the resumption of face-to-face teaching in schools; and, on the other hand, there is a divergence of discourses on the validity of cursive letters in the face of contemporary demands. In this vein, guided by the studies on writing by Ferreiro and Teberosky (1985), Vygotsky (1991), Soares (2002; 2015) and Monteiro (2010) and based on consultation with the National Common Curriculum Base (BNCC), as well as a survey of data and academic publications centered on both themes, we seek to support reflections that contribute to the practice of literacy teachers. The results point to the need to expand research into cursive letters, both to include the effects of the pandemic as a concern and to encourage the sharing of pedagogical strategies for consistent and meaningful teaching and learning.

Keywords: Cursive handwriting. Pandemic. Covid-19. Literacy.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, campus São Carlos. E-mail: alicejorgecruz@estudante.ufscar.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2006). E-mail: mimonteiro@ufscar.br



1. Introdução

No início de 2020, momento da confirmação do primeiro caso de Covid-19³, no Brasil, não era possível prever que, tempo depois, o país se tornaria um dos mais impactados pelo vírus no mundo. Em meio à crise, problemáticas que afetam a população brasileira foram acentuadas e diversas áreas tiveram intensificados os já existentes obstáculos. Nesse cenário, a garantia do direito à educação transformou-se em um desafio para os distintos níveis e etapas da escolarização (BAZZO, 2020), cujas saídas encontradas deram-se de modo fragmentado e permeadas por incertezas.

Sob essa perspectiva, é notório que, mesmo após o fim do estado de emergência, as condições vividas deixaram marcas no retorno aos bancos escolares, marcas essas que dão abertura para despertar questionamentos a partir de múltiplos enfoques. Dessa maneira, no presente artigo, originário de uma pesquisa de iniciação científica⁴, olhamos com mais cuidado para um dos caminhos de reflexão possíveis ao abordarmos as dificuldades e os desafios relacionados ao ensino e à aprendizagem da letra cursiva no contexto pós-pandêmico, buscando investigar as possíveis e necessárias mudanças quanto ao sentido assumido por esse traçado gráfico nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Entendemos que a questão da letra cursiva é, por si só, permeada por opiniões divergentes quanto à sua relevância, que acabam por tender ora para uma valorização exacerbada ora para um esvaziamento na forma com que ocorre a sua apresentação em sala de aula. Não desconsideramos a existência de sólidos trabalhos que tratem da temática, alguns deles recentes, como o de Cargnin e Silva (2020) e o de Schwabe e Lottermann (2021), mas o que chama a atenção é o fato de que em nenhum é reservado espaço para o debate quanto à influência da pandemia.

Na Covid-19, as modificações repentinhas a outras modalidades de ensino na Educação Básica entre 2020 e 2022, na maioria das experiências, foram acompanhadas por uma lista de percalços, que vão desde a falta de materiais e recursos apropriados até o impedimento das relações interpessoais. No caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que se dá o início

³ Doença causada por um novo coronavírus denominado de SARS-CoV-2. Mais informações disponíveis em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

⁴ Pesquisa intitulada "Dificuldades e desafios para o ensino da letra cursiva no contexto pós-pandêmico: (re)significando seu lugar na sala de aula", desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de São Carlos na modalidade iniciação científica voluntária sob aprovação da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFSCar e iniciada em novembro de 2023, com período de vigência de 12 meses.



da alfabetização, não é de se espantar que tenham sido oferecidas aos estudantes reduzidas oportunidades de contato com a escrita (TASSONI; BRITO, 2022). Assim sendo, formulamos as seguintes perguntas: Que mensagens a pandemia de Covid-19 acrescentou em relação especificamente à importância do ensino e da aprendizagem da letra cursiva? Quais aspectos precisam ser levados em conta por parte do professor alfabetizador dentro das novas conjunturas postas e uma vez estando ciente das perdas e atrasos no desenvolvimento de habilidades pelos discentes?

As indagações acima são potencializadas quando, no começo de 2024, notamos a circulação de notícias que alertam para uma crescente mobilização em estados norte-americanos, como a Califórnia, para a volta da letra cursiva na composição dos currículos ao serem comprovados seus benefícios (BBC, 2024).

Reconhecemos que, ao mesmo tempo em que há práticas que são superadas gradualmente, outras continuam se fazendo presentes como parte da tradição escolar, entretanto, essas práticas — incluindo aqui as ligadas à alfabetização — precisam ser repensadas tendo em vista novas implicações, demandas e preocupações surgidas.

A discussão empreendida deriva de uma pesquisa do tipo qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e de cunho bibliográfico, que envolveu os procedimentos de revisão do referencial teórico adotado ligado à prática da escrita; a coleta de dados sobre o impacto da pandemia na alfabetização em *sites* do governo federal e em trabalhos disponíveis no banco do SciELO⁵ e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶; a consulta à BNCC e a seleção de produções acadêmicas que abordam a letra cursiva, utilizando também como fontes de busca nessa etapa a Plataforma Sucupira CAPES⁷ e o *Google Acadêmico*⁸. Com as informações e predominâncias identificadas, tecemos interpretações norteando-nos por quatro eixos de análise. Em virtude desse movimento, a pesquisa revestiu-se de um caráter exploratório (GIL, 2002) com proposições acerca da associação entre o ensino e a aprendizagem da letra cursiva e os efeitos do pós-pandemia nesse processo.

Nesse sentido, objetivamos com este artigo oferecer uma reflexão crítica sobre o ensino da letra cursiva na contemporaneidade, a fim de que especialmente o docente

⁵ Disponível em: <<http://www.scielo.br>>.

⁶ Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br>>.

⁷ Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>.

⁸ Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>>.



alfabetizador possa adquirir um olhar mais apurado e sensível no momento de selecionar propostas favoráveis à aprendizagem dos estudantes. Ressaltamos que não temos a pretensão de esgotar o tema, mas sim fazer apontamentos que instiguem discussões em similar direção.

Nas seções seguintes, é feita uma breve contextualização da pandemia de Covid-19 e seus impactos na educação, apresentadas as contribuições dos autores que constituem o referencial teórico assumido, verificada de que forma a letra cursiva está presente na BNCC e nas produções científicas e, por fim, discutidas algumas projeções para o pós-pandemia com base em quatro eixos de análise.

2. A educação no Brasil em tempos pandêmicos: compreendendo o antes para pensar sobre o pós

A conexão entre a Covid-19 e a letra cursiva não é direta, mas sim originária de associações que vão se ramificando e, então, se estreitando, associações que partem da premissa de que a área da educação foi fortemente impactada pela pandemia.

Com o alcance de dimensões mundiais pela Covid-19, países de todos os continentes foram impelidos ao redirecionamento de suas políticas nas diversas esferas, havendo a definição de uma série de restrições para barrar o contágio da doença. As unidades escolares não foram poupadadas: aulas suspensas para 1,6 bilhão de crianças e jovens em 2020 em diversas nações (UNESCO, 2022).

No caso brasileiro, a garantia do direito à educação constituiu-se como um dilema que perpassou os níveis e as etapas de ensino e cujos caminhos para sua efetivação não foram verdadeiramente descobertos, principalmente tendo em vista a carência de orientações educacionais claras a nível nacional (BAZZO, 2020). Na contramão, o Conselho Nacional de Educação emitiu resoluções, entre elas, o Parecer CNE/CP nº 5/2020, que, em linhas gerais, recomendava a realização de atividades não presenciais para cumprir a carga horária anual das escolas (BRASIL, 2020), ficando definições mais específicas a critério de cada sistema de ensino. Diferenças no rigor do distanciamento social e nas ações dos sistemas de ensino e mais especificamente de cada unidade escolar correspondem a apenas alguns dos fatores que incidiram na trajetória de crianças e jovens (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020).

Trabalhos, como o de Fialho e Neves (2022), revelam como a pandemia reverberou no fazer docente e no processo de ensino-aprendizagem. Com base em narrativas de mais de 100 professores de diferentes regiões e perfis, notamos, na pesquisa, que são unâmines queixas



quanto à questão do precário acesso à *internet*, à falta de equipamentos, ambientes e formações adequadas, que geraram inseguranças e exclusão digital, é citado também o elevado nível de desmotivação, estresse e ansiedade.

Sem desconsiderar os obstáculos enfrentados nas demais etapas da educação, percebemos que as inquietações estiveram bastante presentes em comentários de professores de Educação Infantil (FIALHO; NEVES, 2023), informação que aqui tem uma importância expressiva ao considerarmos que a maioria das crianças matriculadas em creches e pré-escolas durante a Covid-19 são aquelas que, atualmente, podem estar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e, mais ainda, em processo de alfabetização, têm um contato mais sistemático com a escrita e seus formatos.

Sommerhalder, Pott e La Rocca (2022), ao analisarem o modo como docentes da Educação Infantil se organizaram na pandemia, indicam que as práticas não assumiram o desenvolvimento global e a promoção de conquistas pelas crianças como as intencionalidades principais. Aliás, as autoras atestam que a impossibilidade de frequentar as instituições de Educação Infantil “[...] conflita drasticamente com a própria natureza dessa etapa educativa, que é coletiva, interacional, socializadora e com propostas curriculares sustentadas em experiências [...]” (SOMMERHALDER; POTT; LA ROCCA, 2022, p. 5-6).

Embora a Educação Infantil não tenha a função de preparo para o Ensino Fundamental, as etapas estão articuladas, sendo, portanto, as experiências ofertadas às crianças pequenas fortes influências para sua trajetória escolar. Por isso, questionamos: Como as crianças que passaram pela Educação Infantil na Covid-19 chegaram ao Ensino Fundamental? A resposta mais imediata é a de que chegaram com fragilidades, assim como aquelas que já estavam nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Se em 2019 cerca de 1,4 milhão de crianças de 6 a 7 anos de idade não sabiam ler e escrever, esse número saltou para 2,4 milhões, em 2021 (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021).

Para serem alfabetizadas as crianças demandam a “mediação de um adulto para as orientar, guiar e motivar” (BOF; BASSO; SANTOS, 2022, p. 243), ou seja, necessitam de um suporte direcionado e de estímulos que despertem confiança e que evitem rupturas ou estagnações prejudiciais.

No relatório organizado por Bof, Basso e Santos (2022), percebemos a ocorrência de uma mistura de ações *online* e *offline* para atingir o maior número de estudantes na pandemia, envolvendo atividades de leitura, escrita e interpretação textual, a sugestão de que os

responsáveis contassem histórias e fizessem brincadeiras com o alfabeto. Mas, junto às alternativas dos sistemas e escolas, vieram os empecilhos, como a não devolutiva das propostas, não orientação adequada dos familiares e residências sem recursos (BOF; BASSO; SANTOS, 2022). Para trazer outros exemplos, nos artigos de Tassoni e Brito (2022) e de Santana e Osti (2023), mais uma vez são reforçados os limites da mediação docente, o acesso desigual às aulas remotas, o pouco apoio familiar, as poucas oportunidades de contato com a escrita pelas crianças e a pouca interação — imprescindíveis à alfabetização.

3. Traçando paralelos: a escrita como linguagem indissociável do meio sociocultural

Por considerarmos que a temática da letra cursiva perpassa a questão da prática escrita de maneira mais ampla, as contribuições teóricas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, Lev Vygotsky, Magda Soares e Maria Iolanda Monteiro fazem-se complementares ao dialogarem com uma concepção de alfabetização e/ou escrita vinculada às experiências vivenciadas no âmbito social — ponto central para a presente discussão.

Capaz de transformar a fala em algo visível, a escrita, em qualquer que seja o formato, possui uma complexidade, exigindo habilidades específicas, o que justifica as dificuldades surgidas na aprendizagem de suas convenções (MONTEIRO, 2010). Outrossim, ao olharmos para a prática da escrita, precisamos levar em conta dois conceitos a ela interligados, o de alfabetização e o de letramento.

A alfabetização é um processo cujo objetivo central é a codificação e a decodificação, o entendimento da relação entre letras e sons, enquanto o letramento corresponde ao conjunto de práticas sociais que utilizam da escrita para possuírem significados efetivos (MONTEIRO, 2010). Ambos os processos possibilitam a comunicação, o compartilhamento de pensamentos e o acesso ao conhecimento em uma sociedade letrada, assim sendo, não é preciso que o docente alfabetizador decida entre um ou outro, pois podem ser sintonizados a fim de que as dimensões linguística e social sejam contempladas, enriquecendo a formação do futuro leitor e escritor, principalmente se há a consciência de que, desde a tenra idade, a criança participa de manifestações da escrita no cotidiano em contextos de convívio para além do escolar.

A esse respeito, uma das concepções expressas pela teoria Histórico-Cultural — que tem Vygotsky como um de seus representantes — é a de que a criança, produtora de cultura, utiliza a escrita ao ter um interesse desencadeado e ao detectar nela um sentido real, isto é, uma função necessária para estabelecer um novo relacionamento com o mundo (REGO, 1995).



Vygotsky faz referência à escrita como linguagem e como uma forma superior de comportamento modelada dialeticamente pelas relações sociais (ANDRÉ; BUFREM, 2012). O autor demonstra ainda preocupação com a forma com que é conduzido o seu ensino no âmbito pedagógico que, ao privilegiar uma assimilação artificial associada ao treino caligráfico e à cópia, pode obscurecer e subverter sua vivacidade (VYGOTSKY, 1991). O ensino deve ser organizado de modo que a escrita — e aqui podemos incluir os seus diferentes modelos, inclusive a cursiva — não seja imposta “como hábito de mão e dedos” (VYGOTSKY, 1991, p. 133), mas sim cultivada.

Mantendo-nos nessa perspectiva, emergem as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1985). Autoras da obra *Psicogênese da Língua Escrita*, desejavam descobrir se as crianças chegavam à escola como "telas em branco", quanto a isso, seus experimentos revelaram que o surgimento de hipóteses sobre a funcionalidade da escrita pelas crianças antecede a entrada no ambiente escolar, constatação que vai de encontro ao comentado anteriormente, uma vez que, desde que frequente diferentes espaços e núcleos, a criança constrói saberes sobre a língua materna e o contato com a escrita e seus tipos de representação (de forma, de imprensa, cursiva) torna-se inevitável, não configurando-se como “[...] cópia passiva e sem interpretação ativa dos modelos do mundo adulto” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 34).

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985), a tendência é que a criança, nas suas primeiras experimentações, faça associação ao tipo de letra com que tem mais proximidade, não havendo impedimento de que essa “referência” seja a cursiva. Contudo, a partir da disseminação de seus estudos ganhou força “[...] a ideia de que o uso de letras soltas (de forma ou script) no início da alfabetização seria ideal, tendo em vista que a criança utilizaria entre seus critérios de raciocínio sobre a escrita a quantidade e a variedade de caracteres grafados [...]” (CAMINI, 2010, p. 104).

Em semelhança, Magda Soares, uma das pioneiras nas pesquisas sobre o letramento no Brasil, em entrevista ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), em 2015, defendeu que, primeiramente, na fase de descoberta da correspondência fonema-grafema, é fundamental valer-se das letras maiúsculas de forma, “[...] porque elas são mais fáceis para a criança traçar. E elas são independentes uma da outra: a criança vê cada letra, o que não acontece na cursiva, em que as letras ficam emendadas” (SOARES, 2015, s/p). É colocado em pauta se um dia a escrita cursiva pode tornar-se obsoleta e os esforços para que realmente tenha um papel não limitado à caligrafia:



[...] acho que ainda é cedo para acreditar que, em curto prazo, as pessoas não vão mais escrever à mão. [...] O que se deve cobrar é que a escrita seja legível porque, se a escrita é uma forma de comunicação, ela tem de possibilitar que o outro consiga ler o que é comunicado (SOARES, 2015, s/p).

Além disso, Soares (2002) revela as mudanças na natureza do fenômeno letramento, percebendo a necessidade de vê-lo como plural, dadas as distintas relações com a escrita e estilos de registro atuais que ultrapassam a cultura do papel.

4. A formalização do traçado cursivo e sua presença nas produções científicas

A escrita — como parte do patrimônio humano — passa por mudanças ao longo do tempo, inclusive em termos de suas fontes tipográficas, conforme a finalidade com que é empregada em cada nicho da vida social. Camini (2010) ao promover um resgate histórico dos acontecimentos e discursos que conduziram à consolidação da letra cursiva no repertório escolar, mostra justamente sua passagem de um caráter mais ornamental a um caráter mais instrumentalizado até ocorrer o alargamento dos “[...] níveis considerados aceitáveis pela escola como uma boa escrita” (CAMINI, 2010, p. 86). De tal modo que o prestígio inicial desse tipo de traçado, cada vez mais tem cedido espaço a indagações sobre sua importância.

Ao buscarmos respaldo na BNCC — recente documento normativo da Educação Básica brasileira — notamos que essa, na parte de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental-Anos Iniciais, deixa seu parecer sobre a letra cursiva ao definir que, para que o sujeito seja alfabetizado é preciso que consiga

[...] codificar e decodificar os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e **o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas)**, além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua (BRASIL, 2018, p. 89-90, grifos nossos).

Nesse sentido, as informações da Base certificam que o debate sobre a letra cursiva não pode ser negado, precisando sim adquirir um novo significado tendo em vista as novas circunstâncias.

A título de observarmos como a letra cursiva vem sendo abordada no campo científico e de mobilizarmos materiais para discussão, fizemos uma procura por produções acadêmicas nos meses de Abril a Maio de 2024 no SciELO, na BDTD, na Plataforma Sucupira CAPES e

no *Google Acadêmico*, utilizando como estratégia o emprego do termo-chave “letra cursiva” e a condição de que fossem pesquisas brasileiras, priorizando as atuais.

Como resultado, averiguamos a existência de uma restrita quantidade de publicações sobre o tema, ainda menor ao pretendermos encontrar as qualificadas pela comunidade científica. Conforme é possível visualizar no quadro 1, cuja ordem acompanha o percurso feitos nos portais de busca, obtivemos uma amostra de dez trabalhos, entre artigos, teses e dissertações, pertencentes a distintas áreas de conhecimento (embora com discussão próxima à educação) e produzidos excepcionalmente nas regiões Sudeste e Sul do país, com destaque para o estado do Rio Grande do Sul, sendo o trabalho mais antigo datado de 2009 e o mais recente de 2024.

Quadro 1 - Levantamento de produções científicas brasileiras em diferentes portais de busca

Título	Autoria/Ano	Área de conhecimento	Tipo	Estado	Portal
Uma tipologia das letras usadas na fase inicial da escolarização no Rio Grande do Sul	Silveira (2022)	Educação	Artigo	Não identificado	SciELO
O uso dos diferentes modelos de letras manuscritas em atividades de alfabetização: uma análise de cadernos utilizados entre as décadas de 1990 e 2010	Rosa (2023)	Educação	Dissertação	RS	BDTD
Produção de textos por crianças com dificuldades de leitura e escrita em contexto de grupo	Silveira (2018)	Saúde	Tese	SP	BDTD
Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita	Camini (2010)	Educação	Dissertação	RS	BDTD
Tipografia para crianças: um estudo de legibilidade	Rumjanek (2009)	Design	Dissertação	RJ	BDTD
A prática de uma professora bem-sucedida: uma leitura comportamental	Castro (2009)	Educação	Dissertação	SP	BDTD
Letra imprensa maiúscula em cadernos de alunos: do aparecimento ao predomínio na alfabetização	Silveira e Peres (2024)	Educação	Artigo	Não identificado	Sucupira CAPES



BNCC e escrita cursiva: um estudo sobre as percepções dos professores da rede municipal de Lajeado - RS	Schwabe e Lottermann (2021)	Ensino	Artigo	RS	<i>Google Acadêmico</i>
Processos de ensino e aprendizagem (ou não) da letra cursiva no contexto escolar	Cargnin e Silva (2020)	Linguística e Literatura	Artigo	Não identificado	<i>Google Acadêmico</i>
Reflexões acerca do ensino da letra cursiva em uma escola pública de Porto Alegre	Brito (2013)	Educação	Artigo ⁹	RS	<i>Google Acadêmico</i>

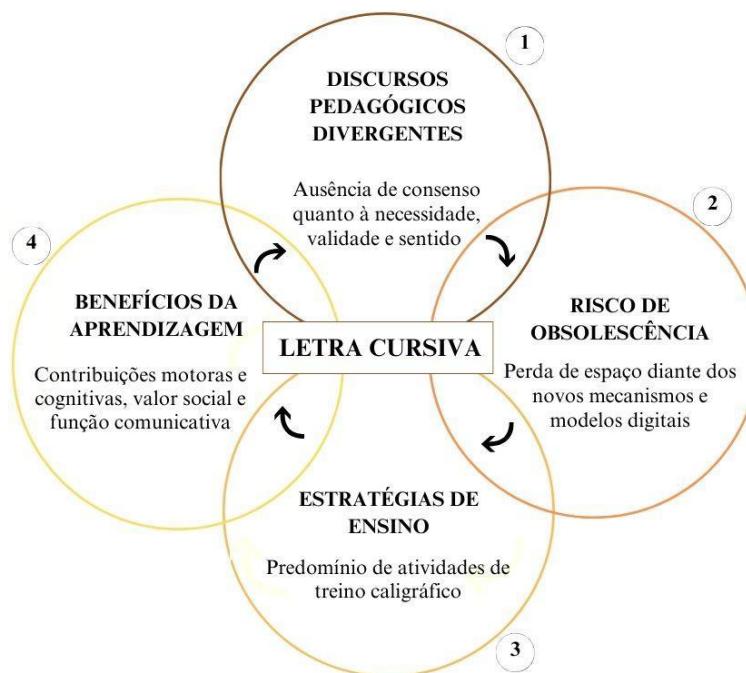
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

A partir da leitura de seus respectivos textos, destacamos ainda que, apesar de apresentarem conteúdos e assumirem caminhos interpretativos que subsidiam implícita ou explicitamente a discussão aqui pretendida, não há qualquer menção ao contexto pandêmico ou pós-pandêmico nas dez publicações escolhidas.

Com base em algumas predominâncias quanto a questão da letra cursiva identificadas nas produções, delimitamos quatro eixos de análise, os quais estão sistematizados no diagrama 1. Assim, dispomos a seguir de uma breve análise apoiada nesses eixos, considerando as peculiaridades do pós-Covid-19 e de que forma essas podem vir a incidir no ensino e na aprendizagem da escrita cursiva.

Diagrama 1 - Síntese dos eixos de análise construídos a partir das produções acadêmicas selecionadas

⁹ Artigo originário de monografia.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Primeiramente, podemos caracterizar a relação docente com a letra cursiva como sendo variável. Brito (2013), Cargnin e Silva (2020) e Schwabe e Lottermann (2021) revelam a presença de **discursos pedagógicos divergentes** quanto ao como, quando e por que ensinar esse traçado, que vão da resistência ao apego, da funcionalidade à tradição. Lembramos que a BNCC indica que esse tipo de letra deve fazer-se presente nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Brasil, 2018), contudo, ao ter como plano de fundo o pós-Covid-19 e seus desafios não antes experimentados, consideramos que as dúvidas dos professores — aqueles que efetivamente escolhem os caminhos para a abordagem com a cursiva em sala de aula — podem ter sido acentuadas.

É, nesse viés, que partimos para a preocupação quanto ao **risco de obsolescência da letra cursiva** nos tempos midiáticos, assinalada por Brito (2013), Camini (2010), Cargnin e Silva (2020), Rosa (2023) e Schwabe e Lottermann (2021). Para acrescentar mais um ponto, o estudo de Rumjanek (2009) mostra que algumas fontes tipográficas não manuais apresentam *designs* mais legíveis para crianças.

Não podemos esquecer que, apesar dos percalços, as ferramentas tecnológicas foram valiosos suportes à manutenção da prática pedagógica na Covid-19, porém também refletimos que justamente a certa centralidade que foi atribuída ao digital nesse período pode ter acabado



por reforçar a noção de que cada vez mais o manuscrito tem uma importância minimizada dada sua pouca aparição (BRITO, 2013).

A escrita, um objeto cultural por excelência (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985), é, como já comentado, passível às atualizações da sociedade. Silveira (2022) e Silveira e Peres (2024) ao fazerem a análise de cadernos escolares datados de 1937 a 2015 e de 1990 a 2015, ilustram as mudanças quanto ao tipo de letra empregado em cada época. Dessa maneira, interpretamos, apoiando-nos na ideia de que o letramento é um fenômeno múltiplo (SOARES, 2002), que o reconhecimento do espaço que a escrita digital tem adquirido não impede a coexistência de outras formas de escrita, pois, mais do que privilegiar um tipo sobre o outro, é preciso ter clareza quanto ao papel comunicativo, às habilidades que cada um deles pode mobilizar e às estratégias para trabalhá-los com os estudantes.

Assim, no que diz respeito às **estratégias adotadas para o ensino da letra cursiva**, identificamos o predomínio de menções a exercícios de treino repetitivo de traçado, cópia, reescrita de palavras feitas em outras fontes para a cursiva e exposição de painéis contendo o alfabeto em diferentes formatos (BRITO, 2013; CAMINI, 2010; CASTRO, 2009; ROSA, 2023). Acreditamos que atividades dessa natureza, desde que em equilíbrio, são necessárias para uma mínima padronização que garanta a efetivação do princípio comunicativo da escrita e podem estimular a motricidade. No entanto, ao transpô-las para o pós-pandemia, importa levarmos em conta que a privação do contato com o ambiente escolar também representou a privação e a fragilização da oferta de propostas lúdicas e interativas (manipulação de materiais, movimentações corporais, dinâmicas, brincadeiras e jogos) que permitissem a plena expressão da criança, as quais, conforme as concepções vygotskyanas, contribuem para a aquisição da escrita (ANDRÉ; BUFREM, 2012). Ou seja, mais do que uma apresentação mecânica, é importante oportunizar o contato efetivo com a escrita e, como exemplificado por Silveira (2018), atividades grupais e contextualizadas podem ajudar na superação de dificuldades individuais em termos ortográficos e caligráficos.

Ao trazerem falas de professoras atuantes nos primeiros anos do Ensino Fundamental de escolas gaúchas, nas pesquisas de Brito (2013) e de Schwabe e Lottermann (2021) encontramos menções aos **benefícios da aprendizagem da letra cursiva**. Maiores estímulos cerebrais, melhora da coordenação motora, ganho de personalidade à escrita; agilidade manual; facilitação para perceber a unidade das palavras; rapidez na redação e interpretação de uma maior quantidade de textos são alguns deles.

A letra cursiva, ao implicar uma movimentação mais complexa, exerce mais capacidades cerebrais (DOIDGE, 2007 *apud* SCHWABE; LOTTERMANN, 2021) em comparação à escrita feita com outros tipos de letra ou feita a partir de ferramentas digitais em que diferentes caracteres são acionados com botões iguais. Diante disso, o ensino da letra cursiva poderia, prontamente, configurar-se como um interessante dispositivo para diminuir a dependência das telas e alavancar habilidades pouco desenvolvidas no período de afastamento da escola na pandemia. Entretanto, sabendo que os conteúdos escolares são interdependentes e ao recordarmos aqui as turbulências na pandemia — seja na oferta da Educação Infantil, na passagem para o Ensino Fundamental ou na alfabetização — é imperativo avaliar os saberes prévios dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental a fim de identificar as elaborações e relações que possuem com a escrita e, então, partir para intervenções que simultaneamente auxiliem na recuperação de habilidades não contempladas e na aquisição de outras novas.

5. Algumas considerações

Neste artigo, buscamos discutir, em articulação ao arcabouço teórico assumido, as dificuldades e os desafios relacionados ao ensino e à aprendizagem da letra cursiva no contexto pós-pandêmico, investigando as possíveis e necessárias mudanças quanto ao lugar e sentido assumidos por esse traçado nas salas de aula dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

O levantamento de produções acadêmicas brasileiras sobre a letra cursiva revelou, somada a uma restrita quantidade de publicações que abordam legítima e especificamente a temática, a inexistência de menções ao momento da pandemia de Covid-19 ou pós-Covid-19 como uma preocupação a ser levada em consideração ao pensarmos nas divergências e incertezas que já permeiam o ensino e a aprendizagem do traçado cursivo. No mais, apesar de formalizada pela BNCC, pouco também é discutido e compartilhado sobre as estratégias pedagógicas utilizadas em salas de aula para que, de fato, a letra cursiva seja carregada de sentido. Portanto, sinalizamos para a necessidade da ampliação de pesquisas sobre a escrita cursiva, principalmente aquelas empreendidas em campo a fim de obter maior proximidade com as situações e relações concretas tidas em sala de aula.

Esclarecemos que, até aqui, despertamos mais questionamentos acerca das possíveis implicações e conexões entre os focos — a letra cursiva e a Covid-19 — do que fornecemos respostas definitivas, mas partindo da premissa de que um acontecimento da magnitude que foi



a pandemia não passou despercebido na educação, no processo de alfabetização e nas práticas dele derivadas.

Compreendemos que não há uma “receita” a ser seguida e aplicada em todos os contextos, ainda mais depois de vivências tão heterogêneas. Todavia, acreditamos que somente quando munido de um repertório consistente e de uma visão crítica, apurada e sensível é que o docente consegue fazer opções mais assertivas e adequadas em cada situação, bem como construir seus posicionamentos, de tal modo que, transpondo para a discussão enfocada, a concepção de escrita na qual apoia seu trabalho torna-se uma escolha, podendo enxergá-la como uma técnica mecânica ou como uma linguagem.

Concluímos que as condicionantes atuais estão postas, bem como a permanência da letra cursiva no currículo brasileiro, logo cumpre percebermos a importância de significá-la ou, mais ainda, ressignificá-la, seja no âmbito teórico, seja no âmbito prático, que mutuamente se sustentam e se complementam.

6. Referências

- ANDRÉ, T. C.; BUFRÉM, L. S. O conceito de escrita segundo a teoria histórico-cultural e a alfabetização de crianças no primeiro ano do ensino fundamental. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 22-42, 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2023.
- BAZZO, V. L. PNE e o direito à educação em tempos de pandemia. In: DOURADO, Luiz F. (Org.) **PNE, políticas e gestão da educação: novas formas de organização e privatização.** (Meio Eletrônico) - Brasília: Anpae, 2020. p. 35-50. Disponível em: <<https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/10-Livros/PNE-politicas-e-gestao-novas-formas-de-organizacao-e-privatizacao.pdf>>. Acesso em: 22. nov. 2023.
- BBC.com. **Como a escrita à mão beneficia o cérebro e ganha nova chance em escolas.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c88n5klj0peo>>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- BOF, A. M.; BASSO, F. V.; SANTOS, R. Impactos da Pandemia na Alfabetização das Crianças Brasileiras. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 7, p. 241-272, 2022. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/5573>>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 5, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, 2020. Disponível



em <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRITO, A. A. **Reflexões acerca do ensino da letra cursiva em uma escola pública de Porto Alegre**. 2013. 18 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais da Escolarização, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/107933>>. Acesso em: 02 out. 2023.

CAMINI, P. **Das ortopédias (cali)gráficas**: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27052>>. Acesso em: 02 out. 2023.

CARGNIN, V. R. T.; SILVA, V. C. Processos de ensino e aprendizagem (ou não) da letra cursiva no contexto escolar. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 13, n. 2, p. 33–45, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/4382>>. Acesso em: 02 out. 2023.

CASTRO, J. F. Z. **A prática de uma professora bem sucedida**: uma leitura comportamental. 2009. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009. Disponível em: <https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/1847.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2024.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S. Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercuções do isolamento social na educação formal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, p. 1-20, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/F9qCnFrgWnhtkpgjpZcpSfS/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, M. I. **Alfabetização e letramento na fase inicial da escolarização**. São Carlos: EDUFSCAR, 2010.

OLIVEIRA, J. B. A.; GOMES, M.; BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 28, n. 108, p. 555-578, set. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/KphYGvLvmGSXhBTL5F6zfwm/>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ROSA, A. P. da. **O uso dos diferentes modelos de letras manuscritas em atividades de alfabetização**: uma análise de cadernos utilizados entre as décadas de 1990 e 2010. 2023. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10822/2/Dissertac%cc%a7a%cc%83o%20Aliene%20Pinto%20da%20Rosa.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

RUMJANEK, L. G. **Tipografia para crianças**: um estudo de legibilidade. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/9124/1/rumjanekparte1.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2024.



SANTANA, Y. N.; OSTI, A. As consequências da Covid-19 para a alfabetização de crianças. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 4, p. e023001, 2023. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/11438>>. Acesso em: 8 jul. 2024.

SCHWABE, C. R.; LOTTERMANN, A. BNCC e escrita cursiva: um estudo sobre as percepções dos professores da rede municipal de Lajeado-RS. **Revista Thema**, Pelotas, v. 19, n. 3, p. 731-742, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ifl.sul.edu.br/index.php/thema/article/view/2319>>. Acesso em: 03 out. 2023.

SILVEIRA, A. A. Uma tipologia das letras usadas na fase inicial da escolarização no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 22, n. 1, p. 230, 23 set. 2022. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbhe/a/fwm4ZrwQvVmYVrvQrf69Bbk/>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

SILVEIRA, A. A.; PERES, E. Letra imprensa maiúscula em cadernos de alunos: do aparecimento ao predomínio na alfabetização. **Educação**, Santa Maria, v. 49, p. 1-24, 2024. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/72163>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

SILVEIRA, N. C. **Produção de textos por crianças com dificuldades de leitura e escrita em contexto de grupo**. 2018. 137 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1633340>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

SOARES, M. **Magda Soares responde**. Belo Horizonte: UFMG/Ceale/FaE, 2015. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/magda-soares-responde-3.html>>. Acesso em: 04 out. 2023.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 out. 2023.

SOMMERHALDER, A; POTT, E. T. B.; LA ROCCA, C. A educação infantil em tempo de SARS-CoV-2: a (re)organização dos fazeres docentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, p. 1-16, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/Z7WPxPnKhFT93spLGMxV6tB/>>. Acesso em: 09 dez. 2023.

TASSONI, E. C. M.; BRITO, A. E. A alfabetização em tempos de pandemia: tensões, desafios e a persistência de professoras. **Cadernos de Educação**, n. 66, 14 dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/22902>>. Acesso em: 05 out. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota Técnica: Impactos da pandemia na alfabetização de crianças. Todos Pela Educação, 2021. 10 p. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2024.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO;

Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.